

RIO DE JANEIRO: A CAPITAL DA GEOGRAFIA POLÍTICA BRASILEIRA

Rio de janeiro: A geography of brazilian capital policy

Rio de janeiro: Geografía de la política de capital de brasil

Helio de Araujo Evangelista
Universidade Federal do Fuminense - Brasil

RESUMO

"Não há qualquer outro ponto do território brasileiro que supere o Rio de Janeiro em termos de longevidade e intensidade nas relações entre território e poder". Esta é a tese do presente artigo que é defendida a partir dos diferentes momentos históricos da cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Rio de Janeiro; capital; história; Brasil; geografia política.

ABSTRACT

"There isn't any other brazilian place that is more important than Rio de Janeiro as where power and territory are more connected by long term" This article aims to confirm this kind of observation by analysing differents aspects of Rio de Janeiro's history.

Keywords: Rio de Janeiro; capital; history, Brazil; political geography.

RÉSUMÉ

"Il n'y a aucun lieu brésilien plus important que Rio de Janeiro où les relations entre pouvoir et territoire soient plus intense et durable". C'est la thèse que nous défendrons par les différents aspects de la histoire de la ville.

Mots-clés: Rio de Janeiro; capital; histoire; Brésil; géographique politique.

TESE

Não há qualquer outro ponto do território brasileiro que supere o Rio de Janeiro em termos de longevidade e intensidade nas relações entre território e poder.¹

SÉCULO XVI

O Rio de Janeiro já no século XVI se mostrava decisiva para os rumos futuros da então colônia portuguesa.

Grande parte desta precoce atuação de destaque na geografia política de então tem relação direta com a Baía da Guanabara. Esta baía combinava uma embocadura estreita (cerca de 1,5 km) e um grande largo para o seu interior.² Ou seja, eram necessárias medidas precisas das então cartas portulanas³, para que se pudesse encontrar este ponto naquele imenso litoral pouco conhecido.

Afora o sítio da baía, devemos ter em conta a sua posição. Ou seja, de todas as baías conhecidas e deveras utilizadas pelos portuguesas, a Baía da Guanabara era a que ficava mais próxima da Bacia do Prata.⁴ Este, pelo lado do Oceano Atlântico, era tida como a principal área de acesso às ricas áreas mineríferas de Potosi.⁵

SEC. XVII

Mais tarde, esta mesma posição da baía se mostrou muito útil para Salvador Correia de Sá recuperar Angola, em vida ele veio a ser considerado governador geral do Rio de Janeiro e Angola. Então era considerado o único com condições de recuperar a grande fornecedora de mão de obra escrava para a colônia portuguesa. E de fato a recuperação se deu.

Esta aventureira vitoriosa se mostrou muito rentável anos depois com o fomento da mineração no interior da colônia.

Assim como , a partir do Rio de Janeiro, se cria a Colonia do Sacramento. Ao tempo da implantação desta colônia, Moreira Pinto (1899) caracterizava os limites da então capitania do Rio de Janeiro atingindo o que é hoje o Uruguai (sic).

SEC XVIII

O presente século é a implantação definitiva de um espaço colonial interiorano, ou seja, até então boa parte das feitorias concentravam-se no litoral; é com a exploração sistemática do minério que teremos uma estrutura urbana assentada no interior. Aparentemente tal novo processo de formação do território da colônia viria a prejudicar a centralidade do Rio de Janeiro . Ledo engano!

Justamente neste período que a principal praça que concorria em termos de importância, no caso Salvador, perde a condição de sede da colônia em favor justamente do Rio de Janeiro. Esta mudança não afeta apenas Salvador, mas também um outro importante polo nordestino , a saber, Recife/Olinda.

Até então, em que pese a importância do Rio de Janeiro, era o nordeste brasileiro e respectivos povoados o grande gerador de valor para a Metrópole.

Novamente, vigora na realização da transferência a importância da Baía da Guanabara. Havia um caminho antigo de acesso às minas, via Paraty, (cuja baía de Angra dos Reis encontrava-se constantemente invadida por piratas) que deu lugar para o caminho novo⁶,

numa quase linha reta entre a Baía da Guanabara e as principais áreas mineríferas.

A combinação entre a concentração das tarefas administrativas da colônia mais a própria pujança da exploração de minérios ensejou uma expansão da importância da cidade do Rio de Janeiro.

Agora, a transferência da sede da colônia para o Rio de Janeiro trouxe um aspecto negativo, a saber: a implantação do chamado *Caminho Novo* exigiu a proibição formal que o interior fluminense fosse ocupado .⁷

Outro aspecto a destacar: com as minas, as fronteiras da então capitania Rio de Janeiro são sensivelmente alteradas.

Novamente recorrendo a Moreira Pinto (1899) e respectivo dicionário, o advento da exploração do minério está na raiz da chamada Guerra dos Emboabas (1707-1709), conflito entre os pioneiros paulistas, responsáveis pela descoberta das minas, e os de fora (particularmente portugueses). Ora, neste conflito temos a primeira definição de limite entre Rio de Janeiro e São Paulo, assim como a consagração de uma nova capitania , a Capitania Real de Minas Gerais.⁸

Até este conflito nós tínhamos uma certa divisão, ou seja, os limites da capitania do Rio de Janeiro chegavam até a Colônia do Sacramento (uma rota acompanhando o litoral) , já São Paulo teria o encargo para o interior, a princípio as minas seriam de jurisdição paulista.⁹

Até o advento das minas nós tínhamos esta posse, a dos paulistas para o interior; ainda, do Rio de Janeiro, senhor dos mares, da cidade em direção à Bacia do Prata e, por último, o polo

nordestino com os grandes povoados de Salvador, Recife e Olinda. O nordeste era por definição a região hegemônica da então colônia. Porém, na invasão holandesa (1630-1654) e plantio de cana pelos holandeses em outros lugares (o que aumentou a concorrência e queda nos preços) combinado a ascensão das minas, temos o início da hegemonia da futura região sudeste brasileira.

Com a mineração começando a desenvolver uma espécie de sistema urbano, cidades surgem (em Minas) e passam a ter entre si uma articulação por mais débil que fosse. Até então os principais núcleos urbanos eram reféns de seus portos, a sua relação com o entorno era calcada numa relação direta com a Metrópole. Com as minas, temos de fato um processo urbano (incipiente) em curso. Inclusive isto tem um desdobramento na vida intelectual da colônia.¹⁰

Com as minas, o Brasil se interioriza em definitivo. Certo que não faltaram expedições de reconhecimento sobre este interior, como Raposo Tavares e outros.¹¹ Mas foram as minas que definiram um verdadeiro eixo na formação territorial brasileira envolvendo a área de charque da região sul até a área de charque do rio São Francisco (o rio da integração nacional).¹²

Ainda, em que pese o luxo e a riqueza estarem concentradas em cidades como Vila Rica; era no Rio de Janeiro que a então Metrópole contava com um eixo estratégico militar na subordinação da região minerífera. Enfim, o interior cresceu não subtraindo o valor estratégico do Rio de Janeiro; subtraiu sim o sentido estratégico da cidade de Salvador.

Historicamente, há um momento feliz na expansão das minas com a redefinição das fronteiras da então colônia. Justamente no apogeu do minério, ocorrem tratativas que visavam reconstituir os limites da colônia. Até então, formalmente, vigorava o Tratado de Tordesilhas, que se ainda respeitado deixaria hoje o país com apenas um terço de seu atual tamanho.

As tratativas quanto às novas fronteiras tem relação direta com o que havia introduzido a chamada União Ibérica (1580-1640). Este coloca em definitivo o referido tratado como letra morta. Esta União de fato propiciou uma expansão da corrente de viajantes e curiosos em direção ao interior de forma sistemática. E as minas agregaram interesse econômico na transgressão do tratado, inclusive realimentando esperanças de que novas áreas surgissem para além do que até então havia.

Cabe assinalar que este esforço de redefinição de fronteiras ocorre justamente com a evolução das novas técnicas cartográficas.¹³ O século XVIII, o século das minas, é também um século muito rico no que tange à história da cartografia brasileira. É neste século que se torna possível uma interpretação de tamanho do que o Brasil viria a ter. Tanto no século XIX quanto no século XX teremos momentos de detalhamento de nossas fronteiras. Mas é no século XVIII que a bacia amazônica, por exemplo, passa a configurar definitivamente nos mapas da colônia portuguesa reconhecidos pela Espanha.¹⁴

SECULO XIX

O século XIX demarca a formação do que mais tarde viria a ser conhecido como Estado brasileiro.

O Estado brasileiro tem a sua primeira configuração justamente no Rio de Janeiro. Para tanto foi decisiva a transferência da Corte Portuguesa em 1808 para o Rio de Janeiro. Pela mesma tivemos por alguns momentos, o que havia de melhor na arte administrativa e burocrática lusa em terras tropicais. Este estamento burocrático luso não era de pequena importância. Seus quadros estavam afeitos a conhecer o que havia de melhor na própria Europa. A diplomacia, a contabilidade, a organização das tarefas e tudo o mais que dizia respeito a constituição de um Estado tinha nestes aventureiros lusos exemplares de grande qualidade. E estes enfrentam justamente um desafio de dimensão tropical em suas respectivas vidas.

A família real portuguesa começa a criar - Jardim Botânico, Casa da Moeda, Imprensa Régia, Biblioteca Nacional, Museu Nacional, Banco do Brasil etc. Muito do estado brasileiro na forma incipiente está justamente neste movimento impar da Corte que sai de seu país de origem (e depois volta). Este ir, uma corte que não combate até a morte por sua terra (pelo contrário foge), inculcando em paragens tropicais hábitos e noções administrativas que de outra forma não surgiriam ou demorariam a chegar; ainda, esta mesma Corte volta é aceita pelos que lá ficaram; se estabelece deste modo um vínculo com a Metrópole que envolvia uma certa noção de continuidade na relação com a hoje ex-colônia. Isto se expressa na forma como

se deu a independência no Brasil (se comparada à ruptura promovida pelas ex-colônias frente a Espanha), ainda, muito particularmente, a independência brasileira não veio acompanhado pela fragmentação territorial, tal como ocorreu entre as ex-colônias espanholas.¹⁵

Dentro desta situação, em que pese todo o quadro convulsionado do território brasileiro devido a diversos movimentos - Farroupilhas, Balaiada, Sabinada etc - o fato é que o Rio de Janeiro se configura um município neutro (1834) já identificado com um projeto e uma mentalidade não provinciana! De certo modo, o cosmopolitismo insuflado entre os seus pela Baía da Guanabara, que já no século está a receber estrangeiros (não raro piratas), se desdobra numa forma mais sofisticada ao longo do século XIX.

É no Rio de Janeiro que teremos o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (1838). Cem anos depois o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em resumo, o pensar Brasil começa já de forma institucionalizada.

O Museu Nacional de Belas Artes, tendo a corroboração de Debret, Rugendas entre outros já define uma busca de olhar o Brasil, de melhor conhecê-lo. Não mais sendo apenas uma terra exótica que outros (como Charles Darwin) vem e vão embora. No então Império do Brasil se inicia a criação de acervo, memória, uma classe ilustrada habituada a pensar e escrever sobre o mesmo.

Em que pese o drama da escravidão, que no ponto de vista econômico, a sua preservação pode ser vista como base do pacto pela não fragmentação territorial.¹⁶ É também na cidade

do Rio de Janeiro que toma forma os momentos mais agudos da trajetória desta luta ¹⁷

Agora, neste processo de singularização da cidade do Rio de Janeiro, que de município neutro se torna Distrito Federal no advento da República em 1889. Não vamos perceber um certo fosso entre a parte carioca (que seria o da cidade) em relação a parte fluminense (que seria a parte serrana, particularmente).

O fluminense cresceu com o café . Muitos municípios do interior do Rio de Janeiro passam a surgir com o café no século XIX, mas este mesmo sucesso decai com a abolição da escravidão. ¹⁸ Ao contrário da cidade do Rio de Janeiro que tendeu a crescer com o advento da República.

Agora, esta projeção da cidade que só tenderia a crescer nos anos vindouros estava sempre acompanhada pela ameaça de perder a condição de sede. Já no movimento da Inconfidência Mineira se discutiu a importância da então colônia liberta de vir a ter uma nova sede no interior de suas posses ao invés de ficar no litoral. ¹⁹

SÉCULO XX

A cidade do Rio de Janeiro começa de um modo este século e o termina de forma bem diferente.

No século XX ocorre o grande apogeu da cidade, verdadeira capital da geografia política brasileira. Mas também, é nele que se tem uma rotunda e inexorável perda de centralidade a partir da transferência da capital em 1960.

Podemos assinalar que o sinal claro da decadência carioca está justamente no momento em que a cidade ao final da década de

80 deixa de ter a principal Bolsa de Valores do país²⁰.

Há um processo de perda de substância de poder cujos primeiros sinais ocorrem na década de 1970.

O golpe militar de 64 é um golpe militar carioca ! Os seus principais líderes viviam no Rio de Janeiro. Os prédios, os escritórios, os encontros decisivos tinham por base lugares do Rio de Janeiro. ²¹

Porém, quando temos este mesmo olhar no processo de redemocratização do Brasil, o Rio de Janeiro tem literalmente um papel marginal. As lideranças não mais são do Rio de Janeiro. Certo que muito da oposição tem no Rio de Janeiro particular apoio. Por exemplo, quando da fusão dos estados da Guanabara (criado após a criação de Brasília em 1960) com o antigo estado do Rio de Janeiro (1975) , o partido de oposição de então , o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), tinha 7 senadores dos quais 3 eram da Guanabara! Ainda, quando então a oposição toma vulto com a eleição de elementos do MDB , o Rio de Janeiro introduz um fato novo com a eleição do então governador Leonel de Moura Brizola pelo Partido Democrático Brasileiro. Em 1984 , quando crescem as passeatas pelas Diretas Já, havendo a luta pela emenda Dante de Oliveira, a cidade apresentava em 10 de abril uma concentração de um milhão de pessoas. Porém, em que pese todo este processo social, político, a grande articulação em favor da assim chamada Nova República passa por São Paulo e Minas Gerais. Aliás um padrão bem conhecido, a saber, em processo de abertura, entram os dois estados, em processo de fechamento do regime, tal como se deu com

Getúlio Vargas e depois com os militares, o Rio de Janeiro é mais lembrado. Esta, inclusive, é uma contradição da identidade carioca, ou seja, é uma cidade que corrobora na votação de quem sempre primou pela quebra do regime democrático, refiro-me a Carlos Lacerda (o primeiro governador eleito do recente estado da Guanabara), ao mesmo tempo nunca deixou de apoiar as forças trabalhistas, no processo de redemocratização, Leonel de Moura Brizola não procura se eleger por seu estado de origem, o Rio Grande do Sul, mas justamente o Rio de Janeiro que não o decepciona. A rigor, o que ajuda a compreender situações tão distintas é o laço comum de ambos os políticos eleitos ali se apresentavam em função de uma ideia de projeto para o Brasil. Discutir Brasil – algo tão caro à identidade do carioca²²

CONCLUSÃO

A defesa da tese – Rio de Janeiro, capital da geografia política brasileira – só logra chance de sucesso numa perspectiva história de longa data.

Agora, neste nosso século XXI, os desafios são outros, há uma nítida mudança da própria natureza do poder. A sua geograficidade passa a ser outra.

Há uma degradação do poder ensejando uma reengenharia do mesmo. Casos como WikiLeaks.org ou a delação de Edward Snowden sinalizam novas formas de desafio ao poder estabelecido, tradicionalmente territorial.

A espacialidade, a territorialidade, não desaparecem mas se reconstituem em novas formas para ser veículos, condição e realização do poder. Há mais um formato de rede. Não há

mais propriamente cidade, e sim sua inserção numa rede. Não há mais país, mas sim sua inserção em bloco.

Em fim, há um mundo novo em curso que em muito pouco se assemelha aos termos colados aqui no texto.

NOTAS

¹ artigo é uma contribuição a um vasta produção vinda de um verdadeiro coletivo brasileiro que trata da geografia política, ou seria geopolítica? Por exemplo, Andrade (1989), Becker (1988), Costa (1992), Magnoli (1993), Martin (1993), Mello(1999), Miyamoto (1995), Vesentini (1996) etc.

² Cabe observar que há poucos quilômetros da entrada da baía temos a atual Ponte Rio-Niterói com mais de treze quilômetros. Sobre o tema indico a obra de Elmo Amador (1997).

³ Mapas portulanos são cartas náuticas geradas a partir do séc. XIII, inicialmente confeccionados pelos italianos. Elas têm por características marcantes uma pormenorizada capacidade de descrever os litorais; algo muito marcante nas antigas cartas da colônia portuguesa, litorais bem definidos ao contrário de seu interior muito pouco caracterizado.

⁴ Uma importante obra que destaca este aspecto é– Rio de Janeiro no século XVI – de autoria de José Veríssimo Serrão (1965). 2 vols. Rio de Janeiro.

⁵ Jorge Caldeira em seu trabalho “O banqueiro do sertão” (2006) chama a atenção para este

aspecto. Em que pese o caráter inóspito da área, o fluxo migratório em direção às áreas mineríferas andinas era intenso.

⁶ O Caminho Velho ligava a localidade de Paraty até Ouro Preto num total de 710 km. O grande inconveniente deste caminho era a vulnerabilidade de seu porto (Paraty), constantemente assediado por piratas. O Caminho Novo partia do Porto Estrela (localizado no extremo norte da Baía da Guanabara) até Ouro Preto; numa distância de 515 km. Neste caminho havia uma maior segurança aliado à menor distância.

⁷ Na seção de cartografia da Biblioteca Nacional, há uma reprodução de uma carta do século XVIII na qual estão retratadas as chamadas “Áhrias Proibidas” no interior do Rio de Janeiro. Desta forma, temos um certo corte, ou seja, os municípios do litoral do que é hoje Estado do Rio de Janeiro têm datas muitas mais antigas se comparadas com os municípios do interior fluminense. A rigor, o interior fluminense só ocorre com o advento do café; ao contrário de São Paulo, quando as chamadas monções (para tanto há um livro sobre o tema de autoria de Sérgio Buarque de Hollanda (1976)) impulsionadas pelos bandeirantes vão fazer de antiqüíssimas ocupações no interior de São Paulo.

⁸ Sobre o tema, indico Martins (1904), Fleming (1918) e (1917) e Freire (1906).

⁹ Inclusive, em consulta a mapas antigos na Biblioteca Nacional, o que seria hoje Goiás,

Mato Grosso e Rondônia, seriam terras desbravadas pelos paulistas.

¹⁰ Wilson Martins em sua obra (1977) destaca bem este ponto, ou seja, os moradores em Minas passaram a ter associações e encontros regulares em nome das novas correntes de pensamento européias de forma mais sistemática. Não sendo à toa que foi nestas paragens que se deu a chamada Inconfidência Mineira.

¹¹ Destaco a produção do historiador Jaime Cortesão sobre a formação territorial brasileira (1993) e (2001), mas muito particularmente a de (1958) que versa sobre o papel dos bandeirantes a começar por Raposo Tavares.

¹² Este processo tem um nítido desdobramento no fomento de um mercado interno brasileiro. As cidades constituídas passaram a reger um cinturão agrícola, por exemplo. A própria cidade passou a abrigar diferentes tipos de artesãos e diferentes serviços passavam a ser fornecidos. Aliás, a distância das cidades mineiras do litoral apressavam soluções de obtenção de produtos que em outra situação viria da Metrópole. Um artista como Aleijadinho, por exemplo, tem muito de sua notoriedade calcada na situação de que seus préstimos eram solicitados e valorizados, no lugar de trazer de fora obras alheias.

¹³ Há o livro muito interessante de Sobel (1996) que versa justamente sobre a aventura na definição da longitude, só alcançada no século XVIII.

¹⁴ Há uma extensa bibliografia sobre o tema , muito particularmente “Tratado de Madri” de Jaime Cortesão (2001). Assim, vários são os aspectos e polêmicas. Mas o fundamental é – em termos diplomáticos, o princípio *Uti Possidetis* do referido Tratado de Madri foi o ponto decisivo nas futuras negociações de definição de fronteiras da então colônia e mais tarde Império do Brasil.

¹⁵ Em que pese todo o esforço de Simon Bolivar entre outros.

¹⁶ Chamo a atenção para o livro de autoria coletiva encabeçada por Carlos Guilherme Mota, no qual o tema é tratado (1974).

¹⁷ Sobre o tema , toma vulto a obra Joaquim Nabuco (2000).

¹⁸ Vide Homem e a serra de Lamego (1963) e os vários historiadores do Rio de Janeiro , tais como - Cardoso (1984) e Figueira de Almeida (1929),

¹⁹ Sobre o tema reporto minha produção sobre o Rio de Janeiro - Evangelista , vs. anos.

²⁰ A queda da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro tem relação direta com o rumoroso caso envolvendo o especulador Nagi Nahas; depois daquele episódio, nunca mais a bolsa do Rio de Janeiro foi a mesma. Naquele tempo, era possível adquirir ações e ter tantos dias para pagar; assim, ele dava uma ordem de compra, adquiria empréstimo, e quando estava para adquirir a ação já mandava vender; ou seja, ele

não trabalhava com recurso próprio, mas com alheio, e dado o volume das operações, só o fato de mandar comprar já mobilizava uma expectativa de valorização de ação, assim , ele adquiria a ação num dado preço , a vendia poucos dias depois segundo preços bem maiores , auferindo lucro com isto. A especulação só terminou quando a praça de São Paulo conseguiu que nenhum banco continuasse financiando o especulador. A partir deste episódio, o Bovespa assume a hegemonia nas transações acionárias.

²¹ É muito interessante termos esta perspectiva para analisarmos o golpe de 64. A obra do jornalista Elio Gaspari (vs. volumes) muito auxilia nesta direção. Por exemplo, Golbery do Couto e Silva morava em Jacarepagua, Emilio Garrastazu Médici morava em Copacabana, o Ernesto Geisel morava no Leblon etc. O então mais moderno prédio da América Latina, o Edifício Central localizado no Largo da Carioca, tinha importante escritório do Serviço Nacional de Inteligência.

²² Cabe lembrar que as grandes indústrias do Rio de Janeiro estão marcada pela presença do governo federal , tais como Petrobras, Vale do Rio Doce, Companhia Siderúrgica Nacional , Usina Nuclear etc. Afora as grandes instituições nacionais ainda presentes na cidade, tais como Instituto de pesquisa econômica aplicada, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, três universidades federais (UFRJ, UniRio, Ufrjr; ainda há a presença da Uff) , instituições militares como o Instituto Militar de Engenharia etc.

REFERÊNCIAS

AMADOR, Elmo da Silva. *Baía de Guanabara e ecossistemas periféricos : homem e natureza*. Rio de Janeiro : Ed. do autor, 1997.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Geopolítica do Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 1989.

BECKER, Bertha K. A Geografia e o Resgate da Geopolítica. *Rev. Bras. de Geografia* , ano 50, n. especial, Rio de Janeiro, FIBGE, pp. 99-126, 1988.

CALDEIRA, Jorge. *O banqueiro do sertão*. Padre Guilherme Pompeu de Almeida, 2 vols. São Paulo : Mameluco, 2006.

_____. *História do Brasil com empreendedores*. São Paulo : Mameluco, 2009.

CARDOSO, Ciro Flamarion. S. *Atlas Histórico do Estado do Rio De Janeiro - Da Colônia a Meados do Século XX*, mimeo, 1984.

CORTESAO, Jaime. *História da expansão portuguesa*. Obras Completas, vol. 4. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda , 1993.

_____. *O tratado de Madri*. Tomos 1 e 2. Brasília : Edição Fac-similar pelo Senado Federal, 2001.

_____. *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil*. Rio de Janeiro : Ministério da Educação e Cultura , 1958.

COSTA, Wanderley Messias. *Geografia Política e Geopolítica*. São Paulo, HUCITEC/EDUSP, 1992.

EVANGELISTA, Helio de Araujo. *A fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro segundo uma perspectiva geográfica*. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1998a, Rio de Janeiro.

_____. *A fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998b.

_____. *Rio de Janeiro: violência, jogo do bicho e narcotráfico segundo uma interpretação*. Rio de Janeiro: Faperj/Revan, 2003.

_____. *Rio de Janeiro e a música*. Rio de Janeiro: Armazém Digital, 2005. Reimpresso

pela Sociedade Brasileira de Geografia em 2009.

_____. *A luta pela fusão dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro*. A luta pela des fusão no atual estado do Rio de Janeiro. In: *Revista geopaisagem* (on line), ano 4, nº 8, julho/dezembro de 2005.

_____. *Rio de Janeiro, uma cidade portuguesa, com certeza*. Uma proposta para manter a característica lusitana da cidade. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

_____. *Relação Capital e Interior no Estado do Rio de Janeiro*. A questão do petróleo e o uso dos royalties. Sociedade Brasileira de Geografia: Rio de Janeiro, 2011.

_____. *Rio de Janeiro x São Paulo, um ensaio de geografia política*. Rio de Janeiro : Ed. Letra Capital, 2013.

EVANGELISTA, Helio de Araújo et al. *Cantagalo: a história de seus limites territoriais (1814-1943)*. Niterói: Departamento de Geografia (UFF), 1997.

FIGUEIRA DE ALMEIDA, Antonio. *História Fluminense*. Do Início até a Independência do Brasil, 1ª parte (período colonial).Niterói: Casa Editora Jeronymo Silva, 1929.

FLEMING, Thiers. *Limites e superfície do Brasil e seus estados*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval 1918.

_____. *Limites interestaduais*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1917.

FREIRE, Felisbello Firmo de Oliveira. *História territorial do Brasil*, vol. 1. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1906.

GASPARI, Elio. *A ditadura escancarada*. 4. impr. São Paulo : Cia das Letras, 2007.

_____. *A ditadura envergonhada*. 6. impr. São Paulo : Cia das Letras, 2007.

_____. *A ditadura encurralada*. São Paulo : Cia das Letras, 2004.

_____. *A ditadura derrotada*. São Paulo : Cia das Letras , 2003.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de . *Monções*. 2. edição . São Paulo : ed. Alfa-Omega, 1976.

_____. *Caminhos e fronteiras*. 3. ed. São Paulo : Ed. Companhia das Letras, 1995.

LAMEGO, Alberto. *O Homem e a Serra*, 2ª ed. . Rio de Janeiro: IBGE, 1963.

MAGNOLI, Demétrio. *O Que é Geopolítica*. 2 ed. São Paulo, Brasiliense, 1988.

MARTIN, André. *As fronteiras internas e a "questão regional" do Brasil*. Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em Geografia da USP, 1993.

MARTINS, J. Baptista. *Limites entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro*. Parecer. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais. 1904.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. Vols. 1 (1550-1794) e 2 (1794-1855) . São Paulo , Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo , 1977.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. *Quem tem medo da geopolítica?* São Paulo: Ed. Hucitec/Edusp, 1999.

MIYAMOTO, Shiguenoli. *Geopolítica e poder no Brasil*. Campinas, SP - Papyrus, 1995.

MOREIRA PINTO, Alfredo. *Apontamentos para o Dicionário Geográfico do Brazil*.vol. P-Z. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1899. pp. 371-382

MOTA, Carlos Guilherme et al. *Brasil em perspectiva*. 5 ed. Brasil : Difusão Européia do Livro, 1974.

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2000.

SERRÃO. *Rio de Janeiro no século XVI*. Guanabara : 4. Centenário da Cidade do Rio de Janeiro, 1965.

SOBEL, Dava. *Longitude: a verdadeira história de um gênio solitário que resolveu o maior problema científico do século XVIII*. Trad. Bazán Tecnologia e Lingüística . Rio de Janeiro : Ediouro, 1996.

VESENTINI, José William. *A capital da geopolítica*, 4ª edição. São Paulo: Ed. Ática , 1996.